

Contrapontos entre a poesia marginal de 1970 e a literatura marginal/periférica

Counterpoints between the marginal poetry of 1970 and the marginal/peripheral literature

JULIANA CRISTINE BRANDÃO DA SILVA

Doutoranda em Educação - UFU

E-mail: julianasardella1010@gmail.com

MÁRCIO ROBERTO SARDELA JÚNIOR

Graduando em Letras Português/Inglês - UNIP

E-mail: marciosardella1010@gmail.com

Resumo: O presente trabalho apresenta uma pesquisa bibliográfica realizada com o objetivo de compreender a poesia marginal da década de 1970 e a literatura marginal/periférica, a relevância desses movimentos para o campo literário e social e suas semelhanças e diferenças. Para tanto, foi necessário analisar os processos artísticos desses movimentos, suas características, o contexto histórico e o social que os permeiam, a fim de não os eximir da produção intelectual brasileira, evidenciando sua importância e influência em toda uma geração de escritores. Este trabalho se justifica por proporcionar subsídios para compreender o movimento de poesia marginal da década de 1970, não somente pela ruptura estética e editorial deste movimento, mas também pela contextualização histórica e pela interpretação a partir dos conflitos existentes no momento de suas produções e da literatura marginal/periférica e de seu engajamento social e resistência.

Palavras-chave: Poesia marginal. Literatura marginal/periférica. Resistência.

Abstract: The paper presents a bibliographical research which objectives to understand the marginal poetry of the 1970s and the marginal/peripheral literature, the relevance of these movements to the literary and social field and their similarities and differences. For that, it was necessary to analyze the artistic processes of these movements, their characteristics, the historical and social context that permeate them, in order not to exempt them from the Brazilian intellectual production, evidencing their importance and influence on an entire generation of writers. This paper justifies itself for providing subsidies to understand the marginal poetry movement of the 1970s, not only by the aesthetic and editorial rupture of this movement, but also by contextualizing it historically and by interpreting it from the existing conflicts at the time of its productions and also from marginal/peripheral literature and its social engagement and resistance.

Keywords: Marginal poetry. Marginal/peripheral literature. Resistance.

1 INTRODUÇÃO

A denominada poesia marginal ou geração do mimeógrafo, segundo Nascimento (2016), emerge na década de 1970, em plena ditadura militar, sendo

compreendida como um movimento literário que se contrapunha à cultura vigente no Brasil. Esse movimento foi chamado de marginal por estar à margem do sistema de editoração e de poesia legitimado pela crítica.

O movimento propunha uma poesia bem-humorada, instantânea, comunicativa, crítica e artilosa. O termo geração do mimeógrafo deve-se à independência de sua produção; muitos poetas mimeografavam seus textos e distribuíam de mãos em mãos, gerando uma circulação independente e alternativa.

Ainda de acordo com Nascimento (2016), a primeira edição editorial que reuniu alguns artistas que movimentavam a poesia marginal da década de 70 foi lançada em 1976, pela professora e pesquisadora do movimento, Heloísa Buarque de Hollanda. A obra foi denominada como *26 poetas hoje* e inseriu os poemas marginais no mercado editorial tradicional, na Academia e na crítica literária, o que legitimou e deu embasamento para a ampliação do debate literário sobre o movimento de poesia marginal.

No final da década de 1990, surgiu, novamente, a utilização do termo marginal, para representar um novo grupo de escritores, no entanto, dessa vez, escritores da própria periferia, principalmente a de São Paulo, a partir de temáticas como periferia, cultura *Hip Hop*, problemas sociais enfrentados por eles e pelos moradores de comunidades em geral, dentre outras, tendo como características a linguagem coloquial nas letras de rap e gírias – o termo marginal, aqui, aparece como aqueles que estão à margem da sociedade.

Diante do exposto, este projeto tem por pressuposto destacar a relevância dos dois movimentos, isto é, da poesia marginal ou da “geração do mimeógrafo” e da literatura marginal/periférica, compreendê-los em sua magnitude, assim como o contexto histórico e social que estão inseridos.

Segundo Candido (1980), é imprescindível analisar a literatura relacionando texto e contexto, para assim formar o processo interpretativo. Para entender uma obra, é necessário interpretar o contexto social em que foi escrita, pois os fatos externos são interiorizados pelos escritores, numa relação dialética entre os elementos – o fator social é, portanto, fornecedor de matéria e composição estética: “[...] não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno” (CANDIDO, 1980, p. 09).

Este trabalho tem por objetivo geral enfatizar a relevância do movimento de poesia marginal da década de 1970 e do movimento de literatura marginal/periférico. Os objetivos específicos são compreender o contexto histórico e social em que os movimentos estavam/estão inseridos; descrever os principais poetas que faziam/fazem parte dos movimentos e destacar as semelhanças e diferenças entre a poesia marginal e a literatura marginal/periférica.

Considerando o que foi exposto, este trabalho se justifica por proporcionar subsídios para compreender o movimento de poesia marginal da década de 1970, não somente pela ruptura estética e editorial deste movimento, mas também pela contextualização histórica e interpretação a partir dos conflitos existentes no momento de suas produções e da literatura marginal/periférica e de seu engajamento social e resistência.

A relevância deste projeto ainda se dá pelo fato de se propor a analisar os processos artísticos, suas características alternativas e artesanais, ressaltando as questões que fortaleceram e fortalecem os movimentos supracitados não os eximindo da produção intelectual brasileira.

Esta pesquisa tem como pressuposto dialogar, reforçar e complementar a literatura acadêmica sobre esses temas, o que influenciou e influencia toda uma geração de poetas e escritores que veem na escrita uma maneira não somente de existir, mas também de resistir.

Para a realização desta pesquisa, foi feito levantamento de bibliografia, partindo de diferentes materiais publicados e dialogando diferentes autores e dados. Foi uma pesquisa de natureza qualitativa, voltada à problematização e à análise dos dados de conteúdo de fontes tanto primárias quanto secundárias e de documentos e produções científicas realizadas acerca do movimento de poesia marginal de 1970 e da literatura marginal/periférica.

Para Pizzani (2012), a pesquisa bibliográfica é compreendida como uma revisão de literatura das principais teorias que objetivam a pesquisa e/ou trabalho científico, sendo realizada em livros, artigos, periódicos, revistas, sites, entre outras fontes.

De acordo com Minayo (2009), a pesquisa qualitativa ocupa-se de um nível de realidade na qual não pode ser quantificada, trabalhando com um universo de motivos, significados, crenças, atitudes, valores etc., buscando compreender a complexidade de fatos, fenômenos e processos específicos e/ou particulares.

2 DITADURA MILITAR: CENSURA, PERSEGUIÇÃO E O DESPERTAR DA POESIA MARGINAL

De acordo com Nascimento (2015), o golpe militar ocorrido em abril de 1964 transformou completamente o cenário político brasileiro, não se limitando ao instante em que a ditadura foi instalada. O momento mais caótico se deu com a instauração do AI-5 (Ato Institucional número 5), em 1968, em que o processo de censura, o exílio de milhares de pessoas e a repressão aos intelectuais se tornaram mais perceptíveis. Piñon (2014, n. p.), afirma que

[...] a ditadura militar, que se estabeleceu no Brasil a partir de 1964, semeou pela terra tempos obscuros e cruéis. É difícil rastrear os efeitos desta tragédia que se abateu sobre a vida nacional. Uma circunstância que também golpeou os escritores, vítimas dos efeitos produzidos por um sistema que, em defesa de estruturas monolíticas, cerceava a liberdade, cassava direitos, impunha vigilante censura. Era como viver em um exílio que nos privava da rebeldia intelectual inerente ao ato mesmo de refletir, que cancelava o pensamento portador em seu bojo de variações e matizes.

Diante disso, os intelectuais se veem obrigados a filtrar sua arte, a moldá-la ao meio opressor, criando uma barreira à criação, sob o peso de que sua arte não passaria

pela censura. Há nesse movimento dois filtros que retiraram dos artistas sua liberdade de criação. O primeiro é externo e diz respeito à conjuntura política do momento e o segundo é interno, criando uma espécie de autocensura (NASCIMENTO, 2015), como ressalta Santos e Silva (2020, p. 15):

[...] houve resistência da arte literária ao comando das Forças Armadas ao ponto de ser publicado um decreto-lei para sufocar escritas contrárias, discordantes e, assim sendo, resistentes ao regime. Contudo, diante do cenário de repressão, denúncia anônima e censura institucionalizada e abalizada pelas forças repressivas do Estado, muitos escritores passaram a evitar em seus trabalhos abordagens que confrontassem diretamente o momento histórico como estratégia para escapar da censura, da prisão, da tortura ou mesmo da morte.

Em meio a esse cenário surge o movimento de contracultura, que, em síntese, era um caminho alternativo aos anseios dos agentes culturais que viviam sob a noção de que a arte provia de um processo de elaboração e libertação, levando a um distanciamento dos problemas imediatos, direcionando sua produção a um conteúdo mais individualista, como destaca Hollanda *et al.* (2000, p. 64): “a contracultura foi outro dos meios de preencher o vazio cultural, aceitando implicitamente as restrições que a situação geral impunha ao debate mais diretamente voltado para a realidade concreta”.

No início da década de 60, parte da juventude brasileira acreditava em um engajamento intelectual ligado à militância política. Nesse contexto, a produção artística foi compreendida como uma maneira de promover uma inquietação que pudesse contribuir para a transformação social. Essa participação engajada, por parte, deve-se ao contexto gerado pelo governo de Juscelino Kubitschek – JK (1956-1961).

Houve então a ascensão de grupos, a partir da entrada maciça de capital estrangeiro, incapazes de se unirem sob um ideal comum, portanto “mostram-se incapazes de formular uma política autônoma e de fornecer bases próprias para a legitimidade do Estado” (HOLLANDA, 1980, p. 16). Nascimento (2015, p. 135) ressalta:

Nessas circunstâncias em que o poder do Estado está descentralizado, a ideologia de um processo revolucionário vem à tona; como exemplos têm-se, em 1962, o aparecimento do anteprojeto do Manifesto do Centro Popular de Cultura (CPC), cuja meta era promover um engajamento por parte dos intelectuais na política nacional.

Do início do Golpe Militar até a promulgação do AI-5, ainda não havia, de maneira efetiva, perseguições às produções daqueles que se opunham ao governo, no entanto, a partir de sua promulgação, essa oposição começou a sofrer uma severa repressão, como destaca Hollanda (1980, p. 90-91):

No campo da produção cultural a censura torna-se violentíssima, dificultando e impedindo a circulação das manifestações de caráter crítico. Não mais apenas os militantes são violentamente perseguidos, como professores, intelectuais e artistas passam a ser enquadrados à farta na legislação coercitiva do Estado, sendo obrigados, em muitos casos, a abandonar o país.

Como uma alternativa à oposição ao regime militar no campo cultural, “surge uma arte que disfarça as mensagens consideradas pelo governo como subversivas, a esta manifestação denomina-se arte marginal” (NASCIMENTO, 2015, p. 136). É a partir da década de 70 que a literatura marginal emerge no cenário cultural brasileiro, gerando “uma espécie de circuito semimarginal de edição e distribuição” (HOLLANDA, 1980, p. 97).

3 POESIA MARGINAL/GERAÇÃO DO MIMEÓGRAFO

De acordo com Nascimento (2016), a poesia marginal ou “geração do mimeógrafo”, da década de 1970, é compreendida como um movimento literário com o intuito de se contrapor a uma cultura vigente no Brasil, que tinha uma visão até então iluminada e inflexível de poesia, canonizando o vocabulário e a estrutura do texto, o que leva a uma hierarquização do texto e do público literário.

Cabe ressaltar que este movimento foi chamado de marginal por estar “à margem” do sistema tradicional de editoração e de poesia legitimado pela crítica, pela Academia e os intelectuais da época. O objetivo do movimento era de uma poesia “bem humorada”, “instantânea”, “comunicativa” e “ardilosa”, contrapondo-se aos textos com palavras rebuscadas, erudição evidenciada pela subjetivação, o lirismo e a cristalização da escrita (HOLLANDA, 1982).

A expressão “geração do mimeógrafo” refere-se um movimento que transgredia o circuito editorial vigente, colocando-se na “contramão” da indústria cultural com uma produção independente e alternativa, com viés coletivo, e sobrepondo a poesia, que sai do “gabinete”. Tinha como marcas palavras abreviadas, palavrões, gírias, temáticas do sexo, daquilo que é trivial e do cotidiano e era despreocupada com a estética tradicional, com pontuação e a norma culta da língua. Consoante Nascimento (2016, p. 51),

A poesia marginal, por conseguinte, pode ser interpretada como um movimento que se faz no cerne de uma cultura emergente nos anos 1970 no Brasil. Enquanto intencionalidade estratégica, a proposta do “marginal” encontrava expressões no campo artístico: o cinema marginal dava voz a personagens marginalizados na sociedade, como as prostitutas, bandidos, homossexuais e “pervertidos”, apelando para o grotesco e o burlesco, com produções de custos razoavelmente baixos. A imprensa marginal ou nanica atuava de modo alternativo, num

circuito paralelo de menores tiragens e estilo underground.

Neste contexto, a poesia encontrou maneiras de incorporar a proposta marginal e de se posicionar no debate estético, com uma linguagem irônica, versos descompromissados e publicados em materiais alternativos, revelando posicionamentos, leituras e interpretações do momento político no qual estavam inseridos.

O movimento brasileiro de poesia marginal, de 1970, rejeitou o mercado, tornando-se assim à margem das editoras, criando alternativas de produção e circulação de seus produtos, como descreve Hollanda (1979, p. 285-286):

[...] a nova geração, que já surge a partir das construções de canais para manifestações jovens e contestadas, rejeita o mercado e aciona respostas marginalizantes, criando alternativas de produção e circulação dos seus produtos. É exatamente nesse quadro que aparece a nova poesia dos anos 70, como atuação mais típica da opção marginal e que [...] criam seu próprio circuito, não dependem da chancela oficial (seja Estado ou empresas privadas) e enfatizam o caráter grupal e artesanal das suas experiências.

Segundo o poeta e escritor Mattoso (1971), participante do movimento de poesia marginal de 1970, em seu livro “O que é poesia marginal”, defende o movimento como um fenômeno anti-intelectual e anti-literário

Do ponto de vista literário, marginal seria toda a poesia que se afasta dos modelos reconhecidos pelos críticos e professores, pelo público leitor e, conseqüentemente, pelos editores. [...] Tal gênero de poesia seria marginal justamente por representar uma recusa de todos os modelos estéticos rigorosos, sejam eles tradicionais ou de vanguarda, isso é, por ser uma atitude anti-intelectual e portanto antiliterária (MATTOSO, 1971, p. 31-32).

Porém, o movimento começou a se tornar cada vez mais notório e, em meio a inserção dessa literatura nas universidades, nos setores literários e na imprensa, a editora Labor encomendou um trabalho para a professora e pesquisadora Heloísa Buarque de Hollanda, para que ela organizasse uma coletânea dessa geração de poetas. Essa coletânea viria a ser a primeira edição editorial reunindo alguns artistas que movimentavam a poesia marginal da década de 70, lançada em 1976, denominada *26 poetas hoje*, coletânea esta que inseriu os poemas marginais no mercado editorial tradicional, na Academia e na crítica literária (NASCIMENTO, 2016). Nascimento (2016, p. 52) ainda afirma:

A própria organizadora assume uma postura ambígua em relação à publicação da obra, enxergando o aspecto

positivo na possibilidade de divulgação e legitimação institucional que aquece o debate da poesia na crítica literária. Por outro lado, a reunião acabaria por alterar uma das características fundamentais da produção alternativa, sendo agora publicada por uma editora dita tradicional.

A publicação dos *26 poetas hoje* legitimou e deu embasamento para a ampliação do debate literário sobre o movimento de poesia marginal, reunindo não somente as figuras que se movimentaram por meio da venda de “livrinhos” de mão em mão, de publicações em revistas e coleções alternativas, mas também alguns poetas que incorporaram a estética e o discurso do movimento, aderindo à proposta do “marginal”.

4 À MARGEM SOCIAL

Como exposto *a priori*, o termo *marginal* aparece no Brasil na década de 1970, com a Poesia Marginal ou Geração do mimeógrafo, e teve como seus principais representantes Ana Cristine César, Casaco, Paulo Leminski, Francisco Alvim e Chacal, os quais faziam parte da classe média ou alta e eram em sua maioria do Rio de Janeiro. O termo *marginal* utilizado para denominar este movimento literário relaciona-se ao fato de os escritores desse movimento estarem “à margem do circuito editorial, à subversão do poder acadêmico e linguístico e à representação das classes desfavorecidas” (EBLE; LAMAR, 2015, p.194).

Ainda segundo Eble e Lamar (2015), já no final da década de 1990 surgiu, novamente, essa nomenclatura, isto é, *marginal*, para representar um novo grupo de escritores; contudo, dessa vez, escritores da própria periferia, principalmente a de São Paulo, abordavam temáticas como periferia, cultura *Hip Hop*, problemas sociais enfrentados por eles e pelos moradores de comunidades em geral, dentre outras, tendo como características a linguagem coloquial nas letras de rap e gírias.

A escritora Carolina Maria de Jesus é considerada pioneira desse movimento pelos novos autores da denominada Literatura Marginal dos escritores de periferia. O escritor Ferréz, um dos principais representantes deste movimento, afirma que

[...] a primeira autora marginal foi a Carolina de Jesus. Ela era negra, favelada, catava papelão. Escreveu o livro *Quarto de despejo*, que foi publicado em quarenta países, ganhou dinheiro, mas cometeu o erro de ‘entrar para a sociedade’. Ela torrou todo o seu dinheiro e morreu pobre (NASCIMENTO, 2009, p. 6).

A obra

Quarto de Despejo é composta por poemas e narrativas registrados em cadernos, que foram transformados em livro por Dantas. Em 1960, a obra tornou-se um best-seller, vendendo mais de 90.000 exemplares em apenas seis

meses. Com nove edições no Brasil e em várias outras em países estrangeiros (FRAZÃO, 2011, p. 3).

A antropóloga Nascimento (2006) caracteriza dois conjuntos de escritores que utilizam o termo *marginal* para caracterizar suas produções literárias que são literatura marginal dos escritores da periferia e a nova geração de escritores marginais. De acordo com ela, a primeira tem a ver com os “textos produzidos por escritores da periferia dos demais textos publicados nos últimos quinze anos que poderiam ser classificados como ‘literatura marginal’” (NASCIMENTO, 2006, p.18), diferenciando-os do movimento da Poesia Marginal ou Geração do Mimeógrafo da década de 1970. A segunda diz respeito à nova geração de escritores periféricos, que, no início dos anos 2000, apropriaram-se do termo marginal.

5 A LITERATURA MARGINAL/PERIFÉRICA

A definição de literatura marginal, a partir da década de 1990, é associada diretamente ao escritor Ferréz. Foi ele quem retomou o termo associando-o à literatura produzida por ele, caracterizando, posteriormente, autores como Alessandro Buzo, Sacolinha, Santiago Dias, Sérgio Vaz, Jonilson Montalvão, Elizandra Souza, Lutigarde Oliveira, Allan Santos da Rosa, Dinha e Dugueto Shabazz, que também tomaram o termo para caracterizar suas produções, pois consideravam suas produções “[...] à margem da sociedade e da literatura padrão, das características literárias, como a linguagem, entre outros aspectos, da ordem textual e também da sua origem socioeconômica (EBLE; LAMAR, 2015, p. 196).

Dentre os principais escritores da literatura marginal/periférica, podemos encontrar ainda Sérgio Vaz, que

É organizador da Cooperativa Cultural da Periferia (Cooperifa), que atua desde 2001, e um dos criadores do Sarau da Cooperifa que ocorre no bar do Zé Batidão, no bairro do Guarujá, na Zona Sul de São Paulo, com a finalidade de promover a literatura marginal e escritores marginais. Em 2007, organizou a Semana da Arte Moderna da Periferia e escreveu o Manifesto da Antropofagia Periférica, marco na propagação da literatura marginal/periférica e da cultura periférica (EBLE; LAMAR, 2015, p. 196).

No que tange à importância desse movimento, acreditamos que essa literatura está além das funções sociais da literatura canônica ou de entretenimento; é um movimento literário de compromisso, a fim de retratar o social, de maneira engajada, em sua forma e estética, apontando questionamentos da classe social que representam. O movimento de

[..] literatura marginal/periférica tem como proposta ser destinada a espaços, autores, leitores e questões sociais

consideradas marginais, como a periferia e a sua linguagem e cultura, a temas como violência, drogas, entre outros. Sendo assim, também sugere um posicionamento e diversos questionamentos. A literatura marginal retomada por Ferréz, em 1990, é produzida pelas minorias e apresenta temas periféricos. O adjetivo marginal incorporado à literatura remete a sujeitos marginais e a espaços marginais (EBLE; LAMAR, 2015, p. 197).

Como vimos, essa nova geração de escritores marginais não busca essa marginalidade na reprodução de suas obras no que diz respeito à divulgação. A apropriação do termo *marginal* se dá por questões socioeconômicas retratadas nas obras, pelo ambiente periférico no qual os escritores estão inseridos e por estarem à margem da elite literária.

Até então não havia uma literatura vinda das periferias, a não ser a de Maria Carolina de Jesus, mulher pobre, negra, catadora de papel e moradora de favela – isto significa que havia uma elite literária dominante. Em relação a isto, Dalcastagnè (2008, p. 80-81) ressalta:

Aqueles que estão objetivamente excluídos do universo do fazer literário, pelo domínio precário de determinadas formas de expressão, acreditam que seriam também incapazes de produzir literatura. [Entretanto, para o autor,] eles são incapazes de produzir literatura exatamente porque não a produzem: isto é, porque a definição de ‘literatura’ exclui suas formas de expressão.

Assim sendo, de acordo com o autor, a definição predominante de literatura “circunscreve um espaço privilegiado de expressão, que corresponde aos modos de manifestação de alguns grupos, não de outros” (DALCASTAGNÈ, 2008, p. 81). É justamente isto que o movimento de literatura marginal/periférica vem questionar, mostrando que a literatura não é uma manifestação de poucos grupos privilegiados, mas de todos, a fim de representar aqueles que historicamente sempre tiveram suas “vozes” silenciadas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A poesia marginal da década de 1970 trouxe consigo, muitas vezes, a ideia de uma literatura “informal”, “instantânea” e “descompromissada”, desconsiderando todo conteúdo e estética na elaboração de seus poemas, o que, em tese, abriu espaços para um circuito de produção independente – esse estilo coloquial, trivial e alternativo se configurou como estratégia intencional desse movimento.

Essa informalidade e coloquialidade podem ser encontradas também na literatura marginal/periférica, que vem influenciada pelo *rap*, trazendo consigo gírias e a fala presente no cotidiano das periferias – informalidade presente já nos livros da precursora do movimento, Carolina Maria de Jesus, já na década de 1960.

Ambos movimentos, apesar de suas diferenças evidentes, principalmente ao fato de o movimento da década de 1970 ser um movimento de classe média e alta e o de literatura marginal/periférica vir das periferias, de alguma maneira vieram questionar a elite literária e sua estética, a fim de democratizar a literatura e ocupar espaços que antes eram limitados.

O primeiro era marginal por estar à margem das grandes editoras e o segundo por estar à margem da sociedade, mas em ambos podemos considerar que há o questionamento do que é ser *marginal*, palavra tão estigmatizada na sociedade, que, com esses movimentos, ganhou reformulação, afinal estar à margem faz parte do cotidiano de milhares de brasileiros que estão à margem do emprego, da educação, da moradia, da saúde e, por fim, da literatura.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. São Paulo: Editora Nacional, 1980.

DALCASTAGNÈ, Regina. Vozes nas sombras: representação e legitimidade na narrativa contemporânea. *In*: DALCASTAGNÈ, Regina (org.). **Ver e imaginar o outro**: alteridade, desigualdade, violência na literatura brasileira contemporânea. Vinhedo: Horizonte, 2008.

EBLE, Taís Aline; LAMAR, Adolfo Ramos. A literatura marginal/periférica: cultura híbrida, contra-hegemônica e a identidade cultural periférica. **Especiaria - Cadernos de Ciências Humanas**, v. 16, n. 27, jul./dez. 2015, p. 193-212.

FRAZÃO, Idemburgo. Diálogos marginais: as identidades periféricas em João Antônio e Lima Barreto. **XII Congresso Internacional da ABRALIC Centro**, Centros – Ética, Estética. UFPR – Curitiba, Brasil, 2011.

HOLLANDA, Heloísa Buarque *et al.* **Cultura em trânsito**: da repressão à abertura. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2000.

HOLLANDA, Heloísa Buarque. A poesia vai à luta. **Alguma Poesia**, Rio de Janeiro, Ano I, n. 2, abr. 1979.

HOLLANDA, Heloísa Buarque. **Impressões de Viagem**: CPC, Vanguarda e Desbunde: 1960/1970. São Paulo: Editora brasiliense, 1980.

HOLLANDA, Heloísa Buarque; PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. **Poesia jovem Anos 70**. Rio de Janeiro: Abril, 1982.

MATTOSO, Glauco. **O que é poesia marginal**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

MINAYO, Maria Cecília Souza (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

NASCIMENTO, Alexandre Vinícius Gonçalves. **O hino dos libertinos**: poesia marginal e ditadura no Brasil por meio da antologia “26 poetas hoje”, de 1976. 2016. Dissertação (mestrado em História) – Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós-Graduação em História, Cuiabá, 2016.

NASCIMENTO, Érica Peçanha. **Literatura marginal**: os escritores de periferia entram em cena. 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

NASCIMENTO, Luís Felipe Gonçalves do. A geração de 70: sobre expressões do amor na sociedade de 1970 no Brasil. **Temporalidades** – Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFMG. v. 7 n. 2 (mai./ago. 2015) – Belo Horizonte: Departamento de História, FAFICH/UFMG, 2015.

PINÕN, Nélida. **Discurso de recepção e posse de Antônio Torres**. Rio de Janeiro: ABL, 2014.

PIZZANI, Luciana *et al.* A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. **RDBCI**: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Campinas, SP, v. 10, n. 2, p. 53-66, jul./dez. 2012.

SANTOS, Vanusia Amorim Pereira dos; SILVA, Susana Solto. As gavetas nunca estiveram vazias: ditadura militar, escrita e resistência em *Essa Terra de Antônio Torres*. **Revista Entrelaces**, v. 10, n. 22, 2020.